

# A inserção dos jovens no mercado de trabalho: principais tendências em um grupo selecionado de países da OCDE, nas últimas duas décadas do século XX\*

Raul Luís Assumpção Bastos\*\*

Economista da FEE e Professor do Departamento de Economia da PUCRS.

## Resumo

*Neste artigo, busca-se identificar e interpretar as principais tendências relativas à inserção dos jovens no mercado de trabalho, em um grupo selecionado de países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) — França, Itália, Reino Unido, Alemanha, Estados Unidos e Canadá —, nas últimas duas décadas do século XX. A população jovem evidenciou taxas médias anuais de crescimento negativas no período em foco, culminando com uma queda de sua parcela relativa na População em Idade Ativa (PIA) total das nações selecionadas. Condicionada por fatores demográficos e socioeconômicos, a força de trabalho juvenil também apresentou queda no período em análise, com o que se reduziu a sua participação no mercado de trabalho. De acordo com a interpretação sugerida por este estudo, a maior incidência do desemprego entre os jovens — à exceção da Alemanha — deve-se, principalmente, ao desempenho macroeconômico das nações selecionadas no período em análise.*

---

\* Este artigo faz parte do projeto de pesquisa ora desenvolvido pelo autor no âmbito do Núcleo de Análise Socioeconômica e Estatística da PED-RMPA, o qual trata da inserção dos jovens no mercado de trabalho.

\*\* O autor é muito grato aos membros desse núcleo de análise pelo apoio intelectual, em particular à colega Miriam de Toni, pela leitura cuidadosa deste artigo e pelas inúmeras sugestões. Menciona também sua gratidão aos colegas André Luis Contri e Duílio Ávila Berni, por sua leitura e sugestões à versão preliminar do artigo. Erros e omissões por acaso remanescentes são de inteira responsabilidade do autor.

## Palavras-chave

**Emprego juvenil; desemprego juvenil; países desenvolvidos.**

## Abstract

*This paper seeks to identify and interpret the main trends in the participation of youths in the labor market in a group of OECD countries — France, Italy, United Kingdom, Germany, United States, and Canada — in the last two decades of the 20th century. The young population has experienced negative growth rates in the period, culminating in a fall of its share in the total active population of the selected countries. Due to demographic and socioeconomic factors, the young labor force has also decreased in this period, reducing its participation in the labor market. According to the interpretation suggested by this study, the greater unemployment incidence among youths — with the Germany exception — is, mainly, due to the macroeconomic performance of the selected countries in the period.*

**Os originais deste artigo foram recebidos  
por esta Editoria em 03.11.03.**

## 1 - Introdução

Neste artigo, procura-se identificar e interpretar as principais tendências da inserção dos jovens no mercado de trabalho, em um grupo selecionado de países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), nas últimas duas décadas do século XX.

O grupo etário juvenil tem relevância por motivos de ordem tanto demográfica quanto socioeconômica. Sua importância demográfica deve-se ao fato de que ele representa uma parcela expressiva da população, com o que sua evolução condiciona sobremaneira a situação social das diferentes nações. Em termos socioeconômicos, diversos estudos realizados na década de 90 mostram uma elevada incidência do desemprego entre os jovens, do que se depreende que eles se encontram em uma posição de grande vulnerabilidade no mercado de trabalho.

A análise da situação dos jovens no mercado de trabalho terá como referência um grupo selecionado de países desenvolvidos, sendo quatro europeus — França, Itália, Reino Unido e Alemanha — e dois norte-americanos — Estados Unidos e Canadá. A escolha desses países deveu-se, por um lado, à sua importância socioeconômica e, por outro, à disponibilidade de dados e estudos que permitissem um acompanhamento sistemático da população juvenil no mercado de trabalho, ao longo de duas décadas.

Em termos de delimitação temporal, a análise procurará dar conta da experiência desse grupo de países desenvolvidos nas últimas duas décadas do século XX. Acredita-se que esse período de tempo seja suficientemente longo para que se possam identificar as principais tendências da inserção dos jovens no mercado de trabalho, trazendo elementos que contribuam para uma compreensão mais adequada da dinâmica desse segmento populacional no mercado de trabalho das nações avançadas.

Deve-se ter presente que esse foi um contexto de importantes transformações na economia mundial, que derivam dos processos de globalização, de difusão de novas tecnologias e de reestruturação produtiva, os quais afetaram intensamente o mundo do trabalho. Nesse sentido, a experiência de diversas nações evidencia mudanças nos níveis de emprego, na sua composição setorial, nas taxas de desemprego e nas relações de trabalho, com a emergência de formas de trabalho precárias e uma ampliação das desigualdades.

A partir dos aspectos acima alencados, este artigo foi estruturado da seguinte forma: na segunda seção, são expostas e caracterizadas as tendências demográficas da população juvenil, bem como sua participação no mercado de trabalho, nos países selecionados da OCDE; na terceira seção, aborda-se e procura-se interpretar o comportamento do emprego e do desemprego juvenil nesses países; finalmente, o trabalho encerra-se com um sumário de suas principais conclusões e sugerindo a necessidade de outras investigações sobre a inserção dos jovens no mercado de trabalho.

## **2 - Aspectos demográficos e participação dos jovens no mercado de trabalho**

Nesta seção, busca-se delinear o comportamento demográfico da população juvenil nos países selecionados da OCDE, a evolução da força de trabalho desse grupo etário e o seu engajamento no mercado de trabalho, no período 1981-00.

Em termos de procedimentos empíricos, faz-se necessário explicitar a delimitação etária da população juvenil com a qual se trabalha neste estudo.

Nesse sentido, seguindo a orientação proposta pela Organização das Nações Unidas, a população juvenil corresponde aos indivíduos que pertencem à faixa etária de 15 a 24 anos (OIT, 2000).

## População<sup>1</sup>

A população juvenil dos países selecionados apresentou taxas médias anuais de crescimento negativas no período 1981-00, sendo a mais acentuada a da Itália (-1,67%) e a de menor magnitude a dos Estados Unidos (-0,38%) — Tabela 1. Essa tendência também foi observada na Alemanha, na década de 80, e, após o processo de reunificação desse país, na década de 90. Com base nesse comportamento, depreende-se ter ocorrido uma redução, em termos absolutos, da população juvenil nesses países, no período em análise.

Esse comportamento demográfico da juventude contrasta com aquele da População em Idade Ativa (PIA) adulta nos países em foco.<sup>2</sup> Em todos eles, constata-se ter havido aumento desse contingente populacional no período 1981-00, sendo a maior taxa média anual de crescimento a do Canadá (1,78%) e a menor a da Itália (0,66%).<sup>3</sup> No caso alemão, a taxa média anual de crescimento da PIA adulta foi relativamente elevada na década de 80 (1,29%), mas bastante diminuta na de 90 (0,34%).

Em face da evolução acima descrita, ocorreu uma queda da participação dos jovens na PIA total desse grupo de países no período em foco. Dentre as nações europeias, aquela na qual os jovens possuíam a maior participação na PIA total era a Itália, tendo esta declinado de 33,25% em 1981 para 21,32% em 2000 (Gráfico 1). Neste último ano, a participação da população juvenil na PIA

---

<sup>1</sup> Na base de dados da OCDE, as séries de população, de População Economicamente Ativa (PEA), de emprego e desemprego da Alemanha referem-se, até 1990, à Alemanha Ocidental e, a partir de 1991, à Alemanha reunificada. Isso colocou um problema empírico para este estudo, na medida em que, desde sempre, se aspirou fazer um trabalho que envolvesse um período relativamente longo, neste caso, correspondendo às últimas duas décadas do século XX. Nesses termos, a decisão que foi tomada foi a de apresentar, nas tabulações e nos gráficos, o comportamento das variáveis da Alemanha Ocidental cobrindo o período 1981-90 e da Alemanha reunificada para o período 1991-00.

<sup>2</sup> De acordo com as definições da OCDE, a PIA corresponde aos indivíduos de 15 a 64 anos. Nesses termos, dada a definição da faixa etária dos jovens, 15 a 24 anos, os adultos correspondem aos indivíduos de 25 a 64 anos.

<sup>3</sup> Nas Tabelas 1 e 2 deste artigo, também constam os comportamentos das variáveis utilizadas neste estudo para a população total. Não obstante, ao longo do texto, a referência comparativa dos jovens ficará restrita às variáveis relativas à população adulta.

total havia passado a se situar em 19,63% na França e em 16,88% no Reino Unido<sup>4</sup>. Quanto à Alemanha, a tendência de retração da participação dos jovens na PIA total manteve-se no período pós-reunificação, tendo atingido 16,36% em 2000, sendo a menor entre as nações européias aqui pesquisadas. Por sua vez, nos dois países da América do Norte, identifica-se semelhante tendência de redução da participação dos jovens na PIA total — não obstante esta tenha sido mais acentuada no Canadá —, passando a se situar em, aproximadamente, 19% em ambos, no ano 2000.

Tabela 1

Crescimento médio anual da População em Idade Ativa, da População Economicamente Ativa e da taxa de participação, por grupos etários, em países selecionados da OCDE —1981-00

PAÍSES	PIA			PEA		
	Jovens (1)	Adultos (2)	Total (3)	Jovens (1)	Adultos (2)	Total (3)
França .....	-0,66	0,82	0,49	-3,03	1,01	0,51
Itália .....	-1,67	0,66	0,16	-2,33	0,80	0,32
Reino Unido (4)	-1,56	0,82	0,34	-2,06	1,11	0,49
Alemanha (5) .....	-1,53	1,29	0,66	-1,17	1,50	0,98
Alemanha (6) .....	-1,17	0,34	0,08	-2,76	0,75	0,26
Estados Unidos	-0,38	1,46	1,04	-0,52	1,84	1,36
Canadá .....	-0,80	1,78	1,16	-1,16	2,16	1,43

PAÍSES	TAXA DE PARTICIPAÇÃO		
	Jovens (1)	Adultos (2)	Total (3)
França .....	-2,38	0,19	0,02
Itália .....	-0,67	0,14	0,16
Reino Unido (4)	-0,51	0,29	0,15
Alemanha (5) .....	0,37	0,20	0,32
Alemanha (6) .....	-1,61	0,41	0,18
Estados Unidos	-0,14	0,38	0,32
Canadá .....	-0,36	0,37	0,27

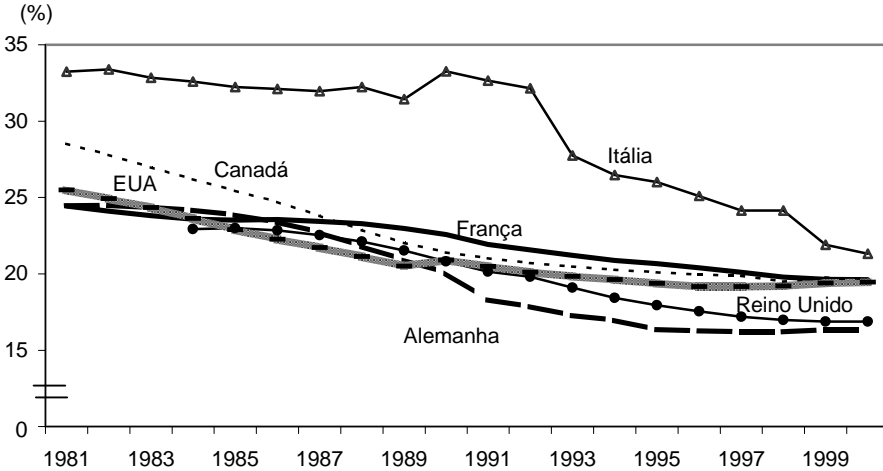
FONTE DOS DADOS BRUTOS: OECD. Labour market statistics — data. Disponível em: <[www1.oecd.org/scripts/cde/members/lfsdataauthenticate.asp](http://www1.oecd.org/scripts/cde/members/lfsdataauthenticate.asp)>

(1) Jovens são os indivíduos de 15 a 24 anos. (2) Adultos são os indivíduos de 25 a 64 anos. (3) Total engloba indivíduos de 15 a 64 anos. (4) Para o Reino Unido, o período é 1984-00. (5) Corresponde à Alemanha Ocidental, e o período é 1981-90. (6) Corresponde à Alemanha reunificada, e o período é 1991-00.

<sup>4</sup> Na base de dados da OCDE, não constam registros relativos à população e ao mercado de trabalho para os anos de 1981, 1982 e 1983 no Reino Unido. É por esse motivo que as séries relativas a ele iniciam em 1984.

Gráfico 1

Participação dos jovens na População em Idade Ativa de países selecionados da OCDE — 1981-00



FORNTE DOS DADOS BRUTOS: OECD. Labour market statistics — data. Disponível em: <[www1.oecd.org/scripts/cde/members/lfsdataauthenticate.asp](http://www1.oecd.org/scripts/cde/members/lfsdataauthenticate.asp)>

Com base nessas evidências, é pouco provável que, nesse período, os jovens tenham exercido pressão demográfica sobre os mercados de trabalho de seus respectivos países. Pelo contrário, as evidências estão a indicar que a dinâmica demográfica jogou favoravelmente à sua situação no mercado de trabalho, não podendo ser tomada como uma causa aceitável de suas dificuldades de obtenção de ocupação. Essa compreensão é compartilhada por diversos estudos que analisam a inserção dos jovens no mercado de trabalho dos países da OCDE em período semelhante ao aqui focado (O'Higgins, 1997; Blanchflower, 1999; Blanchflower; Freeman, 2000; OIT, 2000; 2001).

## Força de trabalho e participação no mercado de trabalho

A força de trabalho juvenil apresentou crescimento negativo em todos os países selecionados da OCDE, no período 1981-00 (Tabela 1). Dentre as nações

européias, a que mais se destaca é a França, com uma taxa média anual de crescimento negativa da PEA juvenil de 3,03%, bastante superior à dos demais países selecionados desse continente.<sup>5</sup> Caberia referir que a Alemanha, na década de 90, evidenciou uma redução bastante acentuada de sua força de trabalho juvenil, com uma taxa média anual de crescimento negativa de 2,76%. Na América do Norte, o Canadá mostrou um ritmo mais acelerado de redução de sua força de trabalho juvenil, sendo este de 1,16% ao ano, mais do que o dobro daquele dos Estados Unidos, que foi de 0,52% ao ano.

Quando se coteja a força de trabalho juvenil com a dos adultos, constata-se que, em todos os países, houve crescimento da PEA deste último grupo etário. Essa expansão da força de trabalho adulta foi mais acelerada nos países da América do Norte, com taxas médias anuais de crescimento de 2,16% no Canadá e de 1,84% nos Estados Unidos. Na Europa, destaca-se o ritmo de crescimento da força de trabalho adulta no Reino Unido, de 1,11% ao ano no período 1984-00. Quanto ao caso alemão, parece ter havido uma mudança no ritmo de crescimento da força de trabalho adulta, que se reduziu de 1,50% ao ano na década de 80 para a metade no período correspondente à reunificação desse país.

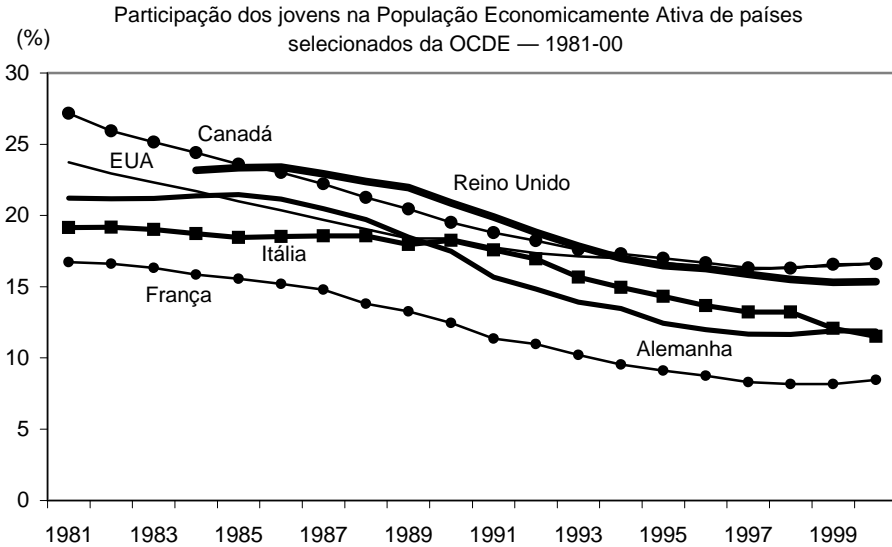
A tendência observada da força de trabalho juvenil *vis-à-vis* à dos adultos teria de se materializar em redução na sua participação na PEA total. Na Europa, a França foi o país que teve o maior declínio na relação PEA juvenil/PEA total, que se retraiu de 16,72% em 1981 para 8,47% em 2000, sendo esta última a menor participação dos jovens na força de trabalho total entre os países estudados (Gráfico 2). Ainda no que se refere aos países europeus, a participação dos jovens na força de trabalho total havia decaído, em 2000, para 11,52% na Itália, 15,35% no Reino Unido e 11,89% na Alemanha. Na América do Norte, a queda na participação dos jovens na PEA total foi mais intensa no Canadá (de 27,17% em 1981 para 16,60% em 2000) do que nos Estados Unidos (de 23,75% para 16,62% respectivamente).

As tendências aqui esboçadas estão a mostrar que ocorreu uma redução substancial do tamanho da força de trabalho juvenil nas nações desenvolvidas, no período 1981-00. Sem dúvida, um elemento que contribui para explicar esse declínio é de caráter nitidamente demográfico, pois, como foi abordado anteriormente, todos os países analisados experimentaram taxas médias anuais de crescimento negativas da população juvenil nessas duas décadas.

---

<sup>5</sup> A PEA corresponde à totalidade dos indivíduos que estão no mercado de trabalho, os quais podem estar empregados ou desempregados.

Gráfico 2



FONTE DOS DADOS BRUTOS: OECD. Labour market statistics — data. Disponível em: [www1.oecd.org/scripts/cde/members/lfsdataauthenticate.asp](http://www1.oecd.org/scripts/cde/members/lfsdataauthenticate.asp)

A evolução da força de trabalho e da população juvenil nos países selecionados, no período 1981-00, consubstanciou-se em redução generalizada de sua participação no mercado de trabalho (Tabela 1). Dentre os países europeus, a França foi o que registrou o ritmo mais acelerado de redução da taxa de participação<sup>6</sup> juvenil, com uma queda média anual de 2,38% no período em análise. Na América do Norte, o ritmo de redução do engajamento dos jovens no mercado de trabalho foi bem menos intenso, com uma pequena queda média anual de 0,14% ao ano nos Estados Unidos e de 0,36% no Canadá.

Na comparação entre jovens e adultos, evidencia-se o contraste entre ambos em termos de tendências de engajamento no mercado de trabalho, nos países selecionados, pois os adultos elevaram as suas taxas de participação no período

<sup>6</sup> A taxa de participação corresponde à relação entre a PEA e a PIA, sendo expressa em termos percentuais. Ela mede o engajamento no mercado de trabalho de um determinado grupo populacional.



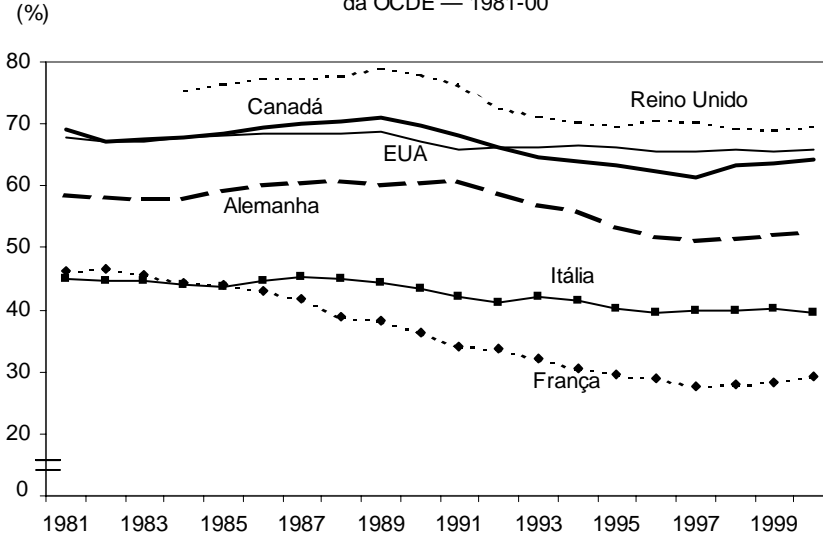
enfocado, ainda que em ritmo modesto. Vale destacar que o crescimento médio anual da participação dos adultos no mercado de trabalho foi um pouco mais elevado nas nações da América do Norte *vis-à-vis* às da Europa.

Caberia também ressaltar as diferenças entre os níveis de engajamento da população juvenil no mercado de trabalho e sua evolução nos países selecionados. No âmbito das nações européias, o país que possuía a maior taxa de participação juvenil era o Reino Unido, tendo esta se situado em 69,69%, em 2000 (Gráfico 3). Nesse mesmo ano, a taxa de participação juvenil na Alemanha era de 52,59%; na Itália, de 39,50%; e, na França, de 29,31%. Destaca-se, também, que a redução da taxa de participação dos jovens no mercado de trabalho foi um fenômeno mais relacionado com a década de 90, pois, na década anterior — à exceção da França —, a evolução desse indicador se mostrava relativamente estável. No que diz respeito aos dois países da América do Norte, os Estados Unidos evidenciavam taxa de participação juvenil de 65,93% em 2000, levemente superior à do Canadá nesse mesmo ano, que era de 64,41%. Deve-se ainda mencionar que, em ambos os países, durante parte razoável da década de 80, houve uma leve elevação da taxa de participação juvenil, tendo o seu declínio ocorrido, fundamentalmente, a partir do final dessa década.

Quanto às causas dessa tendência à redução da taxa de participação juvenil no mercado de trabalho, sugerem-se as seguintes possibilidades. A primeira delas se refere ao fato, destacado por outros estudos, de ter ocorrido uma ampliação da permanência dos jovens na escola ao longo do período, o que retardaria o seu ingresso no mercado de trabalho (OIT, 2000; Blanchflower, 1999; Blanchflower; Freeman, 2000). De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), observou-se uma elevação expressiva do número de jovens que estudavam em tempo integral e uma redução do número daqueles que somente trabalhavam nos países da OCDE, nas décadas de 80 e 90, o que estaria a confirmar que a procura por maior instrução retardaria o seu ingresso no mercado de trabalho (OIT, 2000, p. 12). E a segunda associa-se à performance macroeconômica, ou seja, taxas de crescimento relativamente baixas se associariam a uma menor capacidade de geração de emprego, desestimulando o ingresso dos jovens no mercado de trabalho dos países em análise. Esta parece ser uma possibilidade mais relacionada à experiência das nações européias do que à das norte-americanas, conforme se analisará a seguir.

Gráfico 3

Taxas de participação dos jovens em países selecionados da OCDE — 1981-00



FONTE DOS DADOS BRUTOS: OECD. Labour market statistics — data. Disponível em:

<[www1.oecd.org/scripts/cde/members/lfsdataaut.henticate.asp](http://www1.oecd.org/scripts/cde/members/lfsdataaut.henticate.asp)>

## 3 - Emprego e desemprego da população juvenil

### Emprego

O emprego da população juvenil apresentou uma performance muito desfavorável em todos os países selecionados, nas duas últimas décadas do século XX (Tabela 2). A esse respeito, o país que mais se destaca na Europa é a França, com uma taxa média anual de crescimento negativa de 3,24% do contingente de empregados jovens. Na década de 90, a Alemanha reunificada evidenciava uma acentuada contração do emprego juvenil, com uma taxa média anual de crescimento negativa de 3,03%. No âmbito da América do Norte, a retração do emprego juvenil no Canadá foi muito superior à dos Estados Unidos, com o primeiro país apresentando uma taxa média anual de crescimento negativa

de 1,16% contra somente 0,19% do segundo — que foi a nação, dentre todas as estudadas, com o menor ritmo de redução do emprego juvenil.

Uma vez mais, esse comportamento do emprego juvenil é discrepante daquele dos adultos. Conforme se pode constatar, em todos os países analisados houve crescimento do nível de emprego dos adultos, ainda que existam diferenças significativas entre eles. Os países que mais se sobressaem são aqueles da América do Norte, com taxas médias anuais de crescimento do emprego dos adultos de 2,16% no Canadá e de 1,98% nos Estados Unidos. No âmbito da Europa, pode-se ressaltar a performance do Reino Unido, com uma taxa média anual de crescimento do emprego dos adultos de 1,45%, enquanto as demais nações registram ritmos muito mais modestos de crescimento dessa variável. Caberia ainda mencionar que a Alemanha, na década de 80, apresentou um ritmo um pouco mais favorável de geração de emprego para os adultos, mas essa realidade passou por uma inflexão no período pós-reunificação, na década de 90.<sup>7</sup>

Tabela 2

Crescimento médio anual do emprego e da taxa de desemprego, por grupos etários, em países selecionados da OCDE — 1981-00

PAÍSES	EMPREGO			TAXA DE DESEMPREGO		
	Jovens (1)	Adultos (2)	Total (3)	Jovens (1)	Adultos (2)	Total (3)
França .....	-3,24	0,78	0,34	0,97	3,08	1,83
Itália .....	-2,60	0,53	0,15	0,75	4,60	1,68
Reino Unido (4)	-1,48	1,45	0,93	-3,15	-4,66	-4,62
Alemanha (5) .....	-0,94	1,41	0,96	-4,12	1,92	0,45
Alemanha (6) .....	-3,03	0,44	-0,04	4,00	4,25	4,24
Estados Unidos	-0,19	1,98	1,57	-2,44	-3,17	-3,36
Canadá .....	-1,16	2,16	1,48	-0,04	-0,04	-0,57

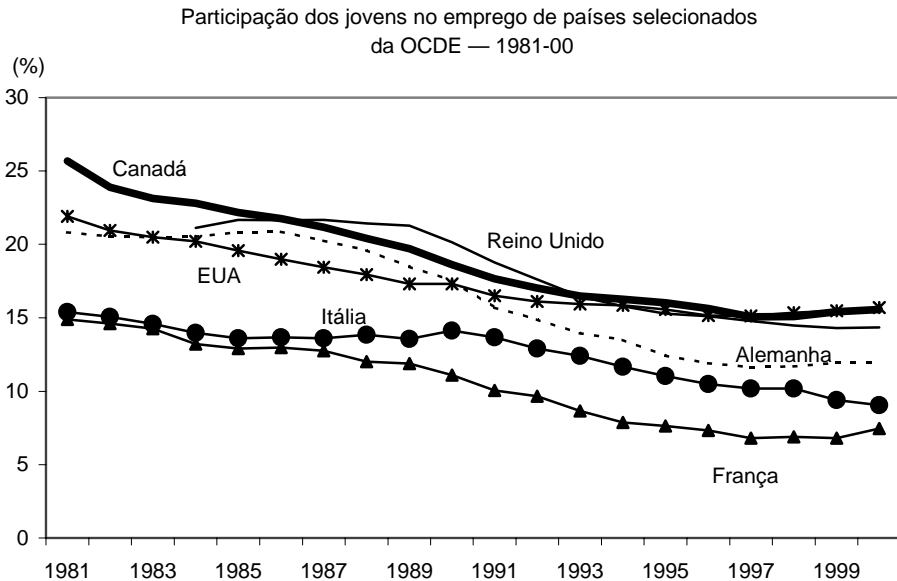
FONTE DOS DADOS BRUTOS: OECD. Labour market statistics — data. Disponível em: <[www1.oecd.org/scripts/cde/members/lfldataauthenticate.asp](http://www1.oecd.org/scripts/cde/members/lfldataauthenticate.asp)>

(1) Jovens são os indivíduos de 15 a 24 anos. (2) Adultos são os indivíduos de 25 a 64 anos. (3) Total engloba indivíduos de 15 a 64 anos. (4) Para o Reino Unido, o período é 1984-00. (5) Corresponde à Alemanha Ocidental, e o período é 1981-90. (6) Corresponde à Alemanha reunificada, e o período é 1991-00.

<sup>7</sup> Sobre o mercado de trabalho na Alemanha, no período de pós-reunificação, ver Bonin e Zimmermann (2000).

O comportamento do emprego juvenil *vis-à-vis* ao dos adultos teve como consequência uma queda substancial da participação dos jovens no emprego total de seus respectivos países. No caso da Europa, o país no qual os jovens passaram a ter a menor participação no emprego total foi a França, tendo esta se retraído de 14,90% em 1981 para 7,46% em 2000 (Gráfico 4). Neste último ano, os jovens passaram a representar 14,34% do emprego total no Reino Unido, 11,95% na Alemanha e 9,06% na Itália. Na América do Norte, a redução da participação dos jovens no emprego total foi mais significativa no Canadá, no qual houve um recuo de 25,67% em 1981 para 15,68% em 2000, sendo este último patamar praticamente idêntico ao observado nos Estados Unidos.

Gráfico 4



FONTES DOS DADOS BRUTOS: OECD. Labour market statistics — data. Disponível em: [www1.oecd.org/scripts/cde/members/lfsdataauthenticate.asp](http://www1.oecd.org/scripts/cde/members/lfsdataauthenticate.asp)

A interpretação da evolução do nível de emprego juvenil nessas nações passa pela percepção de diferentes aspectos que incidiram sobre os seus mercados de trabalho. Novamente, uma parte dessa interpretação está relacionada com a dinâmica demográfica, que implicou uma redução da população

juvenil e da oferta de trabalho desse grupo etário. Do lado da demanda de trabalho, o ritmo observado de crescimento econômico não foi suficiente para evitar a redução do emprego juvenil nas experiências enfocadas.

A respeito deste último aspecto, buscou-se comparar a performance do produto com a do emprego nos países selecionados. No âmbito da Europa, o Reino Unido apresentou o melhor ritmo de expansão do produto, com um crescimento médio anual de 2,71% no período 1984-00 (Gráfico 5). Essa performance se associou com a menor contração do emprego juvenil e a maior expansão do emprego adulto entre as nações europeias enfocadas.<sup>8</sup> Ainda no que se refere aos países europeus, o desempenho econômico mais modesto foi o da Itália, com um crescimento médio anual do produto de 2,0% no período 1981-00. Esse país evidenciou uma redução bastante acentuada do emprego juvenil e uma capacidade muito modesta de criação de emprego para os adultos. Na França, o ritmo de expansão do produto foi de 2,22% ao ano, um pouco superior, portanto, ao da Itália. Não obstante, a França registrou a pior performance do emprego juvenil entre as nações europeias nas duas décadas em análise, enquanto a dos adultos foi um pouco superior à italiana.

Face às limitações empíricas, o caso da Alemanha requer um tratamento diferenciado. Nesse país, o produto expandiu-se a uma taxa média anual de 2,34% na década de 80. No período pós-reunificação, o PIB alemão registrou uma taxa média anual de crescimento mais baixa, de 2,07%. Todavia essa queda do ritmo de crescimento da Alemanha associou-se a um recuo mais do que proporcional do emprego juvenil, cuja retração média anual foi muito superior na década de 90 comparativamente à de 80. Observe-se também, no caso desse país, a redução acentuada da capacidade de geração de emprego para os adultos na comparação entre as duas décadas.

No âmbito da América do Norte, a liderança em termos de expansão do produto coube aos Estados Unidos, com uma taxa média anual de crescimento de 3,24% no período em foco — ressalte-se, adicionalmente, que, dentre todas as economias selecionadas, ela foi a de melhor desempenho. Com base nessa performance, foram os Estados Unidos o país com o menor ritmo de queda do emprego juvenil e com a segunda melhor capacidade de criação de emprego para os adultos. No caso do Canadá, este mostrou uma expansão do produto inferior à dos Estados Unidos, de 2,79% ao ano. Conforme se pode perceber, o ritmo de retração do emprego juvenil nesse país foi bastante superior ao dos

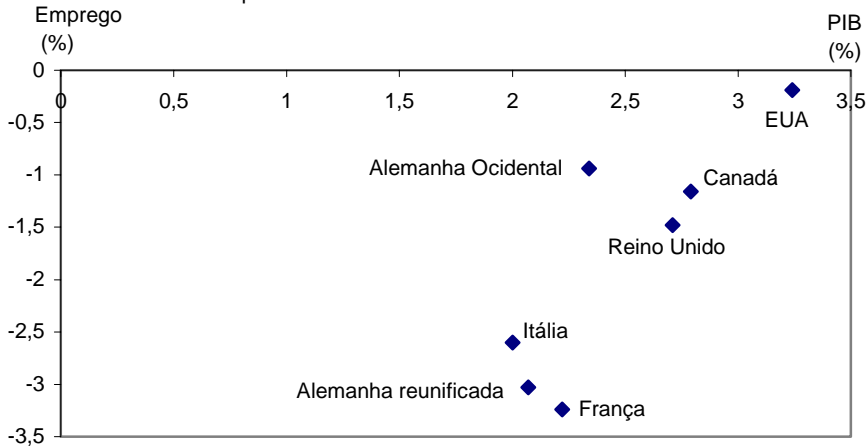
---

<sup>8</sup> É necessária alguma cautela com relação a essa afirmação comparativa entre o Reino Unido e os demais países europeus selecionados, pois as séries de dados do Reino Unido se referem ao período 1984-00.

Estados Unidos. Não obstante, isso não foi o que ocorreu com os adultos, para os quais o Canadá liderou em termos de geração de emprego.

Gráfico 5

Taxas médias anuais de crescimento do PIB e do emprego dos jovens em países selecionados da OCDE — 1981-00



FONTE DOS DADOS BRUTOS: OECD. Labour market statistics — data. Disponível em : [www1.oecd.org/scripts/cde/members/lfsdataauthenticate.asp](http://www1.oecd.org/scripts/cde/members/lfsdataauthenticate.asp)  
 OECD. National accounts. Disponível em: [www.oecd/document/28/0,2340,em\\_2825\\_49568\\_2750044\\_1\\_1\\_1\\_1,00.html](http://www.oecd/document/28/0,2340,em_2825_49568_2750044_1_1_1_1,00.html)  
 OECD ECONOMIC OUTLOOK. Paris: OECD, 53, jun. 1993.

## Desemprego

No que se refere às tendências das taxas de desemprego juvenil, observa-se que a França e a Itália registraram elevação desse indicador, sendo suas taxas médias anuais de crescimento no período 1981-00 de 0,97% e 0,75% respectivamente (Tabela 2). De forma distinta, o Reino Unido apresentou um recuo bastante expressivo da taxa de desemprego juvenil, com um ritmo médio anual de 3,15% no período 1984-00. Quanto ao caso alemão, o comportamento das taxas de desemprego dos jovens evidenciou uma grande inflexão entre as décadas de 80 e 90; na primeira delas, registrou-se um recuo médio anual de 4,12%; na segunda, houve uma reversão dessa tendência, tendo esse indicador

crecido a um ritmo médio anual de 4,0%. Na América do Norte, os Estados Unidos mostraram um recuo bastante significativo da taxa de desemprego juvenil no período, de 2,44% ao ano, enquanto, no Canadá, esse indicador evidenciou um ritmo de queda desprezível.

De modo geral, não se constatam discrepâncias entre a evolução da taxa de desemprego dos jovens e a dos adultos nos países selecionados, à exceção da Alemanha. Na França e na Itália, os adultos também registraram tendência de aumento das taxas de desemprego — não obstante, em ritmo muito mais acelerado do que aquele apresentado pelos jovens. No Reino Unido, a queda da taxa de desemprego dos adultos foi ainda mais intensa do que aquela dos jovens, com uma média anual de 4,66%. Na Alemanha, a taxa de desemprego dos adultos mostrou crescimento de 1,92% ao ano na década de 80, comportamento, portanto, discrepante daquele ocorrido com esse indicador para os jovens, que foi de recuo; já na década de 90, acelerou-se o ritmo de crescimento da taxa de desemprego dos adultos na Alemanha, correspondendo este a uma média anual de 4,25%, que foi superior ao crescimento desse indicador para a população juvenil. Quanto à taxa de desemprego dos adultos nos países da América do Norte, nos Estados Unidos esta apresentou um ritmo de recuo ainda mais acelerado do que aquele ocorrido com a dos jovens, ao passo que, no Canadá — à semelhança do que se observou entre os jovens —, foi desprezível o ritmo de queda da taxa de desemprego dos adultos.

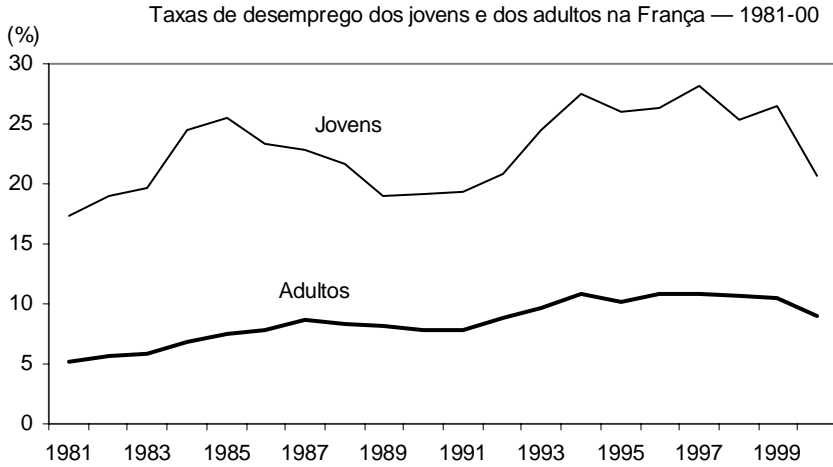
São muito expressivas as diferenças entre as taxas de desemprego dos jovens nos países selecionados (Gráficos 6 a 11). De outra parte, destaca-se também o fato de que o desemprego tem uma incidência muito maior entre eles comparativamente ao grupo etário adulto, à exceção da Alemanha.

Dentre os países selecionados, a Itália é aquele que registrou as maiores taxas de desemprego entre os jovens, tendo esse indicador passado de 25,77% em 1981 para 29,69% em 2000, enquanto, para os adultos, a taxa de desemprego se elevou de 3,47% para 8,15% respectivamente. Portanto, a relação desse indicador entre os jovens e os adultos, que era de 7,42 vezes no início do período, declinou para 3,64 vezes ao seu final — não obstante, é a mais elevada entre as nações que são aqui objeto de análise. Caberia ainda destacar, no caso italiano, que o agravamento da situação dos jovens no mercado de trabalho foi um fenômeno que se deu com mais intensidade na década de 80.

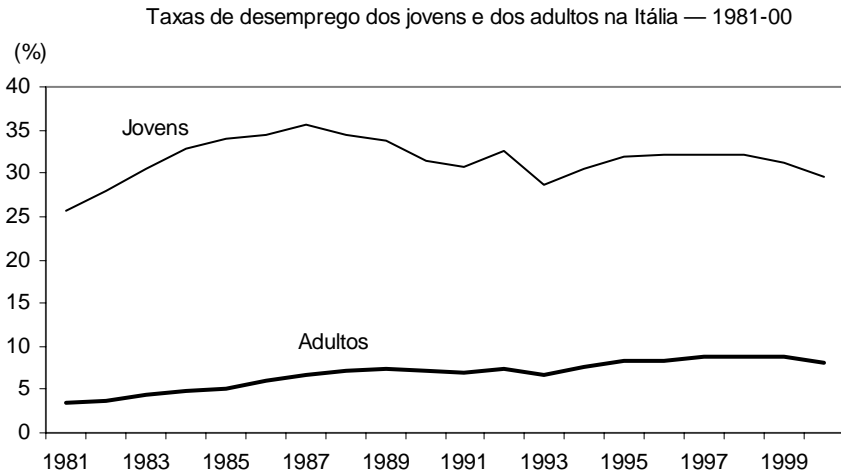
A França também evidencia um patamar muito alto da taxa de desemprego dos jovens, tendo este se situado em 17,27% em 1981 e 20,73% em 2000, contra taxas de desemprego de 5,10% e 9,08% para os adultos respectivamente. Nesse caso, a relação entre a taxa de desemprego dos dois grupos etários, que era de 3,38 vezes no início do período, declinou para 2,28 vezes ao seu final. Na experiência francesa, é interessante mencionar a possibilidade de que, ao final

da década de 90, tenha havido uma interrupção da tendência à deterioração da situação dos jovens no mercado de trabalho.

Gráfico 6



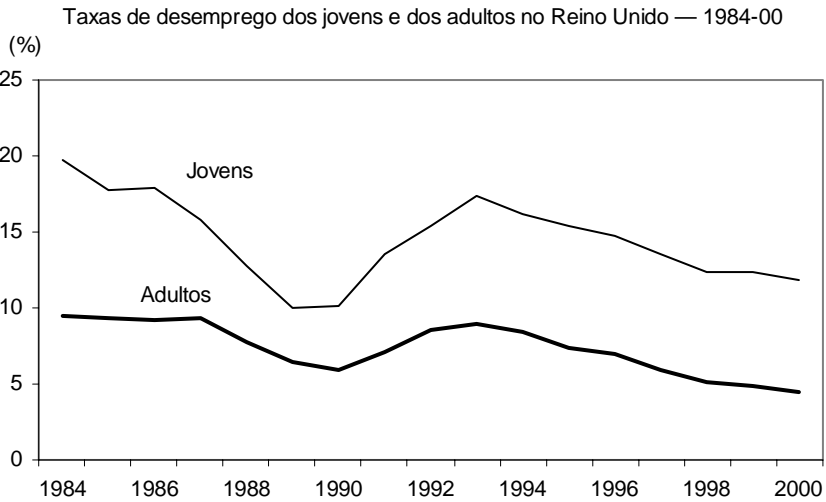
FORNE DOS BRUTOS: OECD. Labour market statistics — data. Disponível em: <[www1.oecd.org/scripts/cde/members/lfsdataauthenticate.asp;p](http://www1.oecd.org/scripts/cde/members/lfsdataauthenticate.asp;p)>



FORNE DOS DADOS BRUTOS: <[www1.oecd.org/scripts/cde/members/LFSDATAAuthenticate.asp](http://www1.oecd.org/scripts/cde/members/LFSDATAAuthenticate.asp)>

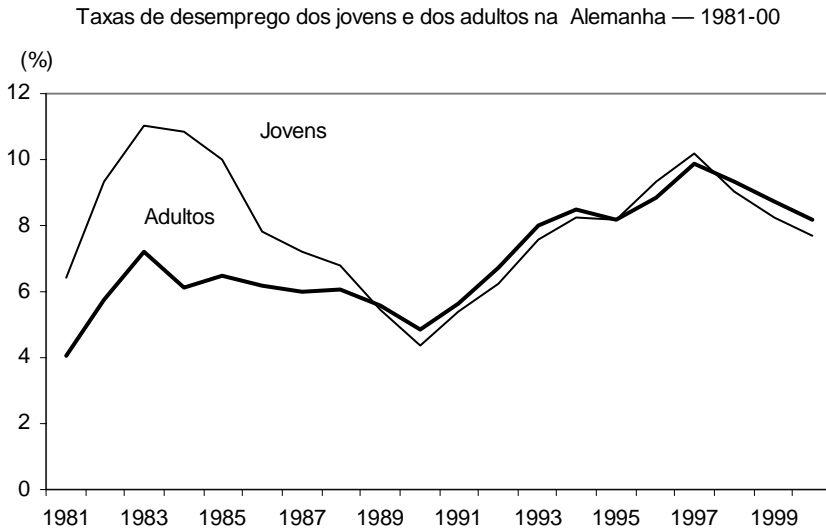


Gráfico 8



FONTES DOS DADOS BRUTOS: <[www1.oecd.org/scripts/cde/members/LFSDATAAuthenticate.asp](http://www1.oecd.org/scripts/cde/members/LFSDATAAuthenticate.asp)>

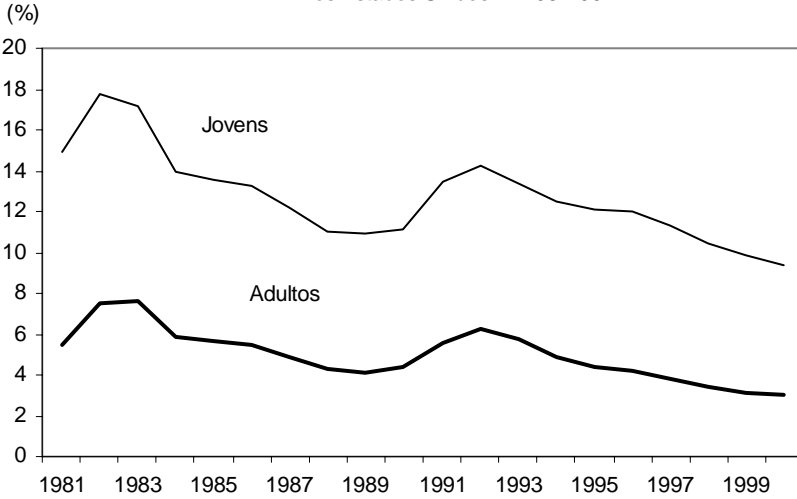
Gráfico 9



FONTES DOS DADOS BRUTOS: <[www1.oecd.org/scripts/cde/members/LFSDATAAuthenticate.asp](http://www1.oecd.org/scripts/cde/members/LFSDATAAuthenticate.asp)>

Gráfico 10

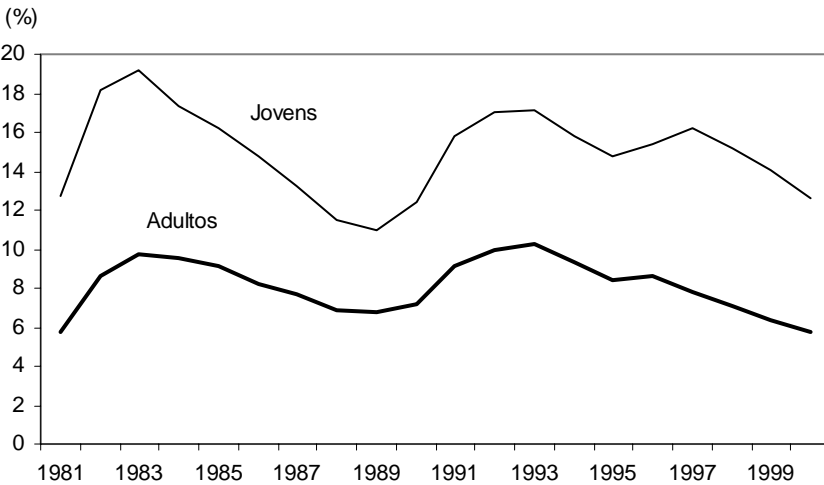
Taxas de desemprego dos jovens e dos adultos nos Estados Unidos — 1981-00



FONTE DOS DADOS BRUTOS: <[www1.oecd.org/scripts/cde/members/LFSDATAAuthenticate.asp](http://www1.oecd.org/scripts/cde/members/LFSDATAAuthenticate.asp)>

Gráfico 11

Taxas de desemprego dos jovens e dos adultos no Canadá — 1981-00



FONTE DE DADOS BRUTOS: <[www1.oecd.org/scripts/cde/members/LFSDATAAuthenticate.asp](http://www1.oecd.org/scripts/cde/members/LFSDATAAuthenticate.asp)>

No Reino Unido, de modo diverso, a taxa de desemprego juvenil acusou significativa redução, de 19,68% em 1984 para 11,79% em 2000,<sup>9</sup> o mesmo ocorrendo em relação à taxa dos adultos: 9,50% e 4,43% respectivamente. Portanto, pode-se reconhecer uma tendência à melhoria da condição de inserção da população no mercado de trabalho britânico. Com base nesses comportamentos, a relação entre a taxa de desemprego dos dois grupos etários ampliou-se de 2,07 vezes em 1984 para 2,66 vezes em 2000, o que se deveu ao fato de que o ritmo de redução da taxa de desemprego dos adultos foi superior ao dos jovens.

Na Alemanha, em 1981, a taxa de desemprego dos jovens era de 6,41%, e a dos adultos, de 4,06%; ao final da década de 80, esse indicador para a população juvenil passou a se situar levemente abaixo daquele da população adulta, praticamente igualando o patamar de desemprego entre os dois grupos etários. No período pós-reunificação, constata-se elevação da taxa de desemprego juvenil, de 5,41% em 1991 para 7,70% em 2000; não obstante, a incidência do desemprego manteve-se um pouco abaixo daquela dos adultos, para os quais o indicador em análise se elevou de 5,64% para 8,20% nesses mesmos anos.

Tendo como referência essas evidências, a Alemanha constitui-se na nação, entre as selecionadas, que apresenta a menor taxa de desemprego entre os jovens no período em estudo, bem como é a única em que não se observa um diferencial desfavorável a esse contingente etário de incidência do desemprego. Quanto às razões que fundamentam essa situação singular, alguns estudos sugerem que elas são de natureza institucional e estão associadas à transição da escola para o trabalho, pois os vínculos entre ambos são muito articulados, viabilizando condições mais favoráveis de ingresso no mercado de trabalho à juventude daquele país (Gitter; Scheuer, 1997; Gross, 1998; OIT, 2000).

Nos Estados Unidos, a taxa de desemprego juvenil encontrava-se no patamar de 14,90% em 1981, o qual declinou para 9,32% em 2000. Em termos comparativos, a taxa de desemprego do grupo etário adulto reduziu-se de 5,51% para 2,99%. Assim, a relação entre a taxa de desemprego dos jovens e a dos adultos elevou-se de 2,70 vezes para 3,12 vezes no período. Portanto, os Estados Unidos, se, por um lado, mostraram uma tendência de redução da incidência do desemprego sobre a sua juventude ao final da década de 90, por outro, registraram uma elevação do diferencial de taxas de desemprego entre jovens e adultos, à

---

<sup>9</sup> Para propósitos de comparação com as outras nações européias selecionadas, a taxa de desemprego dos jovens, em 1984, era de 32,87% na Itália, 24,46% na França e 10,85% na Alemanha.

semelhança da experiência do Reino Unido. Não obstante, deve-se ter presente que, em termos de performance do mercado de trabalho, esse país registrava a segunda menor taxa de desemprego entre os jovens e a menor entre os adultos ao final da década de 90.

No Canadá, a taxa de desemprego juvenil encontrava-se em nível idêntico no início e ao final do período enfocado, que era de aproximadamente 12,0%, sendo cerca de duas vezes superior ao da taxa do contingente etário adulto (de 5,70%). Em face desses comportamentos, a taxa de desemprego dos jovens manteve-se 2,21 vezes superior à dos adultos na experiência canadense. Comparativamente, o diferencial de taxas de desemprego era inferior ao existente nos Estados Unidos, embora a incidência do desemprego sobre a juventude canadense fosse superior à observada naquele país, ao final da década de 90.

De um modo geral, sobressai, da análise dos dados, a maior incidência do desemprego entre os jovens comparativamente aos adultos nas experiências selecionadas — com a importante exceção da Alemanha —, o que coloca, de imediato, a necessidade de identificação de suas causas. Algumas possibilidades aventadas pela literatura para fundamentar esse diferencial são as seguintes: (a) a dinâmica demográfica; (b) os rendimentos; (c) as mudanças na composição intersetorial da atividade econômica; e (d) o comportamento da demanda agregada (O'Higgins, 1997; Blanchflower, 1999; Blanchflower; Freeman, 2000; OIT, 2000; 2001).

As tendências anteriormente apresentadas sobre o comportamento da população juvenil no período em foco permitem questionar a possibilidade de que a dinâmica demográfica explique o diferencial de taxas de desemprego entre jovens e adultos. Na medida em que a população juvenil registrou taxas de crescimento negativas no período 1981-00, isso deveria ter contribuído para que houvesse, em realidade, uma redução do diferencial de taxas de desemprego entre jovens e adultos. Examinando-se a experiência dos países selecionados, constata-se que isso de fato ocorreu nos casos da França, da Itália e da Alemanha, mas não nos do Reino Unido e dos Estados Unidos — o Canadá evidenciou, no início e ao final do período, estabilidade desse diferencial. Não obstante, acredita-se que as evidências anteriormente expostas sejam suficientes para rejeitar a possibilidade de que o comportamento da população juvenil, no período em foco, seja o elemento causador do diferencial desfavorável das taxas de desemprego dos jovens em relação às dos adultos nas experiências analisadas.

Quanto aos rendimentos, um amplo estudo da OIT procura discutir os efeitos sobre a força de trabalho juvenil dos salários relativos dos jovens comparativamente ao dos adultos, bem como aqueles associados à adoção de salários mínimos específicos à juventude (OIT, 2000). Nesse sentido, nos países da OCDE, houve

deterioração do rendimento relativo dos jovens nas décadas de 80 e de 90, por um lado;<sup>10</sup> por outro, não existem indicações de que os salários mínimos tenham contribuído para a piora da sua situação no mercado de trabalho (OIT, 2000, p. 16 e 17). Assim, a posição defendida pelo estudo da OIT é a de não aceitar o argumento de que os rendimentos dos jovens tenham exercido um papel negativo sobre as taxas de desemprego desse contingente etário. Por sua vez, O'Higgins (1997, p. 33) afirma que diversos estudos não conseguiram demonstrar a existência de uma associação inequívoca entre o salário relativo dos jovens e o desemprego desse contingente da força de trabalho. Adicionalmente, de acordo com a sua avaliação, praticamente não existe suporte empírico para a proposição de que a elevação do salário mínimo específico aos jovens venha a limitar as suas perspectivas de emprego. Portanto, tendo como referência esses estudos, parece também não ser plausível o entendimento de que o rendimento relativo dos jovens *vis-à-vis* ao dos adultos seja uma causa explicativa da maior incidência de desemprego observada entre os primeiros.<sup>11</sup>

No que diz respeito aos efeitos das mudanças na composição intersetorial da atividade econômica sobre a força de trabalho juvenil, Blanchflower e Freeman (2000, ps. 12-13) chamam atenção para o fato de que os jovens estão muito mais inseridos em atividades no âmbito do Terciário, como hotéis, restaurantes e comércio. Adicionalmente, quando se analisa a força de trabalho por gênero, em duas outras atividades o emprego juvenil se mostra claramente concentrado, sendo estas a construção civil, no caso dos homens, e os serviços de saúde, no das mulheres. Isso os levou a concluir que "(...) o que acontece ao mercado de trabalho juvenil depende criticamente do desenvolvimento de um conjunto limitado de setores em todos os países".

Nessa perspectiva, eles realizaram um exercício empírico no qual utilizam a noção de setor intensivo em jovens (Blanchflower; Freeman, 2000, p.13). Tal exercício teve o propósito de examinar se as alterações na composição intersetorial do emprego nos países da OCDE, entre os anos 80 e 90, foram favoráveis (ou não) aos jovens. Conforme se pode constatar no estudo, o efeito da mudança foi

---

<sup>10</sup> A esse respeito, ver também as evidências empíricas contidas em Blanchflower e Freeman (2000, p.13-15). De acordo com os dados apresentados nesse estudo, entre as nações selecionadas da OCDE, houve uma tendência de redução dos rendimentos dos jovens em relação ao dos adultos — à exceção da Itália —, durante os anos 80.

<sup>11</sup> Para um tratamento pormenorizado dos efeitos dos salários mínimos sobre a força de trabalho juvenil, ver a resenha de Ghellab (1998) sobre esse tema. De acordo com suas conclusões, fica claro o caráter controverso da associação entre salário mínimo e emprego juvenil nos países da OCDE.

positivo<sup>12</sup>, o que deveria ter feito com que a participação dos jovens no emprego tivesse se elevado e não declinado, como de fato ocorreu. De acordo com sua avaliação, esse resultado está a indicar que tal transformação foi compensada por fatores macroeconômicos que incidiram negativamente sobre o segmento juvenil do mercado de trabalho. Com isso, pode-se afirmar que as mudanças na composição intersetorial do produto também não parecem ser uma explicação aceitável para o diferencial desfavorável das taxas de desemprego dos jovens relativamente às dos adultos.<sup>13</sup>

No que se refere ao impacto do comportamento da demanda agregada sobre a força de trabalho juvenil, um estudo abrangente mostra que, em relação aos países da OCDE, a demanda de jovens no mercado de trabalho é muito sensível às condições gerais da economia (OIT, 2000, p.19). De acordo com esse estudo, há uma reação desproporcional do emprego e do desemprego juvenis ao desemprego global das economias, corroborando, portanto, o entendimento de que as mudanças na demanda agregada incidem com mais intensidade sobre a força de trabalho juvenil, sendo um componente relevante na explicação da trajetória do desemprego dessa faixa etária.

Nessa mesma perspectiva, de acordo com outro estudo abrangente sobre a força de trabalho juvenil nos países da OCDE, as taxas de desemprego juvenis registram maiores variações cíclicas comparativamente às dos adultos, mostrando uma forte associação entre o desemprego desse grupo etário e a demanda agregada (O'Higgins, 1997, p. 27). Nesses termos, o comportamento do desemprego juvenil pode ser assim explicado. Os jovens, geralmente, têm menor cobertura da legislação de proteção ao trabalho, pois esta exige um período de habilitação que eles, por definição, não possuem; adicionalmente, as indenizações por demissão costumam aumentar com o tempo de permanência no emprego, que os jovens possuem de forma limitada. Nesse sentido, tais aspectos tornam relativamente menor o custo de demitir o trabalhador juvenil, o qual acaba sendo atingido de maneira desproporcional nas fases de retração do nível de atividade econômica.

Esses argumentos sugerem que o comportamento da demanda agregada é uma parte relevante da explicação das maiores taxas de desemprego observadas entre jovens comparativamente aos adultos nas experiências nacionais selecionadas, à exceção da Alemanha. Não obstante, deve-se ter presente que os países com as performances relativamente melhores em termos de

---

<sup>12</sup> A única exceção foi a Bélgica, na qual o efeito da mudança na composição intersetorial do emprego foi negativo.

<sup>13</sup> Essa conclusão é também corroborada pela OIT (2000).

crescimento do produto no período enfocado por este estudo — o Reino Unido na Europa e os Estados Unidos na América do Norte — não tiveram êxito na redução do diferencial de incidência do desemprego entre jovens e adultos. Todavia ambos haviam conseguido diminuir sensivelmente as taxas de desemprego do grupo etário juvenil ao final da década de 90.

## 4 - Considerações finais

Neste estudo, buscou-se identificar e interpretar as principais tendências da inserção dos jovens no mercado de trabalho em um grupo selecionado de países da OCDE.

Em termos demográficos, a população jovem evidenciou crescimento negativo no período 1981-00, culminando com uma queda em sua participação na PIA total das nações selecionadas. Condicionada por fatores demográficos e socioeconômicos, a força de trabalho juvenil também se contraiu no período enfocado por este estudo, com o que ela reduziu de forma expressiva a sua participação na PEA total. A combinação dessas tendências implicou redução do engajamento dos jovens no mercado de trabalho das nações selecionadas. De modo geral, as taxas de participação juvenis evidenciaram tendência à queda no período 1981-00, não obstante esta tenha sido mais acentuada nas nações européias *vis-à-vis* às norte-americanas.

O emprego juvenil registrou crescimento negativo no período 1981-00, embora com ritmo mais acelerado nas nações selecionadas da Europa comparativamente às da América do Norte. Conforme se procurou sugerir, para tanto concorreram fatores associados tanto à oferta de trabalho — como a evolução demográfica — quanto à demanda de trabalho — como o crescimento do produto. Tal trajetória do emprego juvenil trouxe consigo redução da sua participação no emprego total, nas experiências analisadas.

O comportamento das taxas de desemprego dos jovens foi diferenciado entre as nações selecionadas no período em análise. Houve casos em que ela apresentou acentuado recuo, como o Reino Unido e os Estados Unidos, enquanto, em outros, ela registrou elevação, como na França e na Itália. Na Alemanha, ocorreu uma inflexão da trajetória da taxa de desemprego juvenil, pois esta passou de um acelerado ritmo de redução na década de 80 para outro de elevação no período posterior à reunificação. No Canadá, não se constatou uma tendência clara da taxa de desemprego juvenil.

A análise da taxa de desemprego juvenil permitiu mostrar o quanto é maior a incidência do desemprego entre esse grupo etário comparativamente ao adulto,

com a importante exceção da Alemanha. De acordo com a interpretação sugerida por este estudo, essa maior incidência do desemprego entre os jovens deve-se, principalmente, ao desempenho macroeconômico das nações selecionadas no período enfocado por este trabalho.

Como temas adicionais de pesquisa relativos à inserção dos jovens no mercado de trabalho dos países avançados e dos quais se poderiam retirar importantes ensinamentos, sugere-se o estudo do processo de transição da escola para o trabalho, no qual a Alemanha tem uma experiência que se destaca e que mereceria, por si só, uma investigação pormenorizada, a segmentação da força de trabalho juvenil por gênero e as políticas públicas de geração de emprego e renda para a juventude. O desenvolvimento desses eixos de investigação contribuiria para avançar na compreensão da situação dos jovens no mercado de trabalho e, em particular, para lançar luz sobre a maior vulnerabilidade com que eles convivem em sua inserção no mundo do trabalho.

## Referências

BLANCHFLOWER, D. Youth labor market in twenty three countries: a comparison using micro data. In: STERN, D.; WAGNER, D. (Ed.) **International perspectives on the school-to-work transitions**. New Jersey: Hampton Press, 1999.

BLANCHFLOWER, D.; FREEMAN, R. The declining economic status of young workers in OECD countries. In: BLANCHFLOWER, D.; FREEMAN, R. (Ed.) **Youth employment in advanced countries**. Chicago: Chicago Press and NBER, 2000.

BONIN, H.; ZIMMERMANN, K. **The post-unification german labor market**. Bonn: IZA, 2000. (Discussion paper; n. 185).

BRUNO, C.; CAZES, S. **French youth unemployment: an overview**. Genebra: OIT, 1998. (Employment and training papers; n. 23).

CAROLEO, F.; MAZZOTTA, F. **Youth unemployment and youth employment policies in Italy**. Genebra: OIT, 1999. (Employment and training papers; n. 42).

GHELLAB, Y. **Minimum wages and youth unemployment**. Genebra: OIT, 1998. (Employment and training papers; n. 26).

GITTER, R.; SCHEUER, M. U. S. and german youths: unemployment and the transition from school to work. **Monthly Labor Review**. Washington: BLS, v. 120, n. 3, p. 16-20, 1997.



GROSS, D. **Youth unemployment and labour market policies in Germany and Canada**. Genebra: OIT, 1998. (Employment and training papers; n. 37).

KORENMAN, S.; NEUMARK, D. **Cohort crowding and youth labor markets: a cross-national analysis**. Cambridge: NBER, 1997. (Working paper; n. 6031).

OECD ECONOMIC OUTLOOK. Paris: OECD, 23 jun. 1993.

O'HIGGINS, N. **The challenge of youth unemployment**. Genebra: OIT, 1997. (Employment and training papers; n. 7).

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Emplear a los jóvenes: promover un crecimiento intensivo en empleo**. Genebra: OIT, 2000.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Youth and work: global trends**. Genebra: OIT, 2001.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Global employment trends**. Genebra: OIT, 2003.

REES, A. An essay on youth joblessness. **Journal of Economic Literature**. Nashville: AEA, v. XXIV, n. 2, p. 613-628, 1986.

RYAN, P.; BÜCHTEMANN, C. The school to work transition. In: SCHMID, G. et al. (Ed.) **International handbook of labour market policy and evaluation**. Londres: Edward Elgar, 1996.

SORRENTINO, C.; MOY, J. U.S. labor market performance in international perspective. **Monthly Labor Review**. Washington: BLS, v. 125, n. 6, jun., p. 15-33, 2002.

VAN REENEN, J. **Active labour market policies and the british new deal for the young unemployed in context**. Cambridge: NBER, 2003. (Working paper; n. 9576).